

Humanamente Musicar

Marcelo S. Petraglia

(Publicado originalmente em: Prata da Casa 6 – escritas e depoimentos sobre a gênese, trajetória e perspectivas do Grupo MAIS. São Paulo: Oboré, 2013)

A música parece ser um fato indissociável da existência humana. A história e a arqueologia mostram que ela esteve presente na humanidade desde épocas imemoriais e continua tendo um papel de destaque na expressão de nossos pensamentos, sentimentos e ações. Atualmente pode-se dizer que todas as culturas fazem música e que seus membros se expressam musicalmente, seja de forma rudimentar ou altamente sofisticada. Segundo o filósofo da música Victor Zuckerkandl¹, isto implica em que, não apenas alguns homens são musicais enquanto outros não o são, mas que o homem é um ser musical, um ser predisposto à música e com necessidade de música, um ser que para sua plena realização precisa expressar-se em tons musicais e deve produzir música para si mesmo e para o mundo. Neste sentido, musicalidade não é algo que alguém possa ter ou não ter, mas algo que – junto com outros fatores – é constitutivo do ser humano. Faz-se música porque música faz parte da vida. Faz-se música para si mesmo, para os outros, para celebrar, louvar, lamentar, curar, se divertir, ritualizar momentos significativos da vida de indivíduos e da coletividade. A música não é pela música, mas é a forma sonora humanizada coerente com a experiência vivida.

Quando partimos desta constatação e juntamos a isso o papel da música como meio de cura, promoção de saúde e do bem estar de indivíduos e comunidades, assim como encontramos em diversas culturas, fica clara e justificada a proposta de se trazer a música para o ambiente hospitalar; especialmente naquelas situações onde a longa permanência rouba das pessoas grande parte da liberdade e o contato com a vida circundante. Todavia, é preciso compreender *como* a música pode ser trabalhada nestes contextos para que de fato seja uma força salutogênica e não apenas mais um estímulo acústico perturbador como tantos outros já o são.

Quando se fala hoje da aplicação da música na saúde naturalmente surge em nossa mente o conceito “musicoterapia”. Embora a música venha sendo utilizada já a muitos séculos com propósitos terapêuticos², a musicoterapia estruturada como área do saber e do fazer, é no ocidente algo recente. Assume-se que tenha sido nos anos imediatamente após a segunda guerra mundial, a partir da necessidade de novos caminhos para se lidar com os feridos, no corpo e na alma, que retornavam dos campos de batalha, que tanto a aplicação prática como da reflexão crítica sobre a

1 Zuckerkandl, V. *Man the musician*. Princeton: Princeton University Press, 1976.

2 Samuel, 16:23: " Quando o mau espírito de Deus se apodera de Saul, David tomava a harpa, tocava-a, e Saul acalmava-se e sentia-se melhor, e o espírito mau afastava-se dele..."

musicoterapia teve seu início. Por ser notoriamente um campo interdisciplinar, onde a arte musical, as ciências médico-biológicas e a psicologia interagem fortemente, é natural que um grande número de vertentes tenham sido desenvolvidas e explorem as várias direções e nuances resultantes deste encontro. Já no final do século XX, Kenneth Bruscia³ apresenta mais de 60 definições de musicoterapia e um grande número de possibilidades técnicas para o trabalho. Conforme uma destas definições, musicoterapia é um processo interpessoal no qual o terapeuta utiliza a música em todas as suas facetas – física, emocional, mental, social, estética e espiritual – para ajudar o paciente a melhorar, recuperar ou manter a saúde. Vale notar que não se trata simplesmente da utilização da música, mas a utilização de *experiências musicais significativas*. Entende-se que o agente da terapia não é visto apenas como sendo a música (um objeto externo ao paciente), mas principalmente a experiência do paciente e de todos que com ele ouvem a música (isto é, a interação entre a pessoa, processo, a música e o contexto).

Fica claro que para se atuar musicalmente de modo efetivo no contexto hospitalar é importante que haja um preparo e que este contemple diversas competências musicais, terapêuticas e humanas. Neste sentido, iremos a seguir destacar alguns pontos que consideramos fundamentais.

Todos nós ouvimos ao longo da vida uma grande variedade de sons e coletamos incontáveis experiências musicais. À grande maioria destas encontram-se associadas a experiências afetivas, sociais e do nosso próprio caminho de vida. Temos músicas que marcaram momentos importantes da nossa biografia, sejam de alegria ou de tristeza. Existem sons que são capazes de nos evocar memórias profundas da infância, de lugares que estivemos, situações pelas quais passamos. O musicoterapeuta e médico Rolando Benenzon⁴ sistematizou este conjunto de experiências sonoro-musicais no conceito de ISO (Identidade Sonoro-Musical). Este é um fator importante que deve ser levado em conta por todo aquele que quer atuar com a música em benefício de um outro ser humano, pois deve-se reconhecer que a mesma música ou som na interação com uma identidade sonora particular, pode ter significados diferentes para pessoas diferentes. Em um contexto clínico musicoterapêutico, é fundamental que se investigue a fundo e se possível detalhadamente a identidade sonora de um paciente, para se poder utilizá-la conscientemente de modo afirmativo ou questionador ao longo de processo terapêutico. Todavia, no contexto hospitalar nem sempre isso é possível, seja pela simples falta de tempo ou o difícil acesso às fontes de informação. É portanto necessário, para o músico que se propõe a atuar neste campo, além de colher as informações possíveis sobre seu público, desenvolver um vasto repertório capaz de abarcar, mesmo que de modo genérico, a diversidade do seus ouvintes. Estes, é bom lembrar, incluem, além dos pacientes, os acompanhantes, familiares, médicos, enfermeiras e demais funcionários da comunidade hospitalar hospital ou da instituição. A música que ressoa

3 Bruscia, K. Definindo Musicoterapia. Trad. Mariza Velloso Fernandez Conde, 2a ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

4 Benenzon, R. O. Teoria da Musicoterapia. Tradução: Ana Sheila M. de Urcochea. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

nestes locais, de alguma forma atinge a todos e deve ser pensada para todos.

Juntamente com um repertório que possa entrar em ressonância com os ouvintes, o músico deve desenvolver uma alta sensibilidade para compreender as muitas situações que encontrará ao percorrer uma ala de um hospital. Muitas vezes se deparará com situações de grande sofrimento ou estará diante de alguém cuja a consciência dorme profundamente. Nestes momentos será exigido dele, bem mais que a técnica para cantar ou tocar um instrumento. Ele deve ser capaz de sentir cada situação e buscar dentro de si a expressão musical apropriada àquele momento. Esta pode até ser em algum momento o silêncio.

Encontrar a atitude correta e nela fazer a música soar, é algo que não se aprende normalmente nos conservatórios, universidades ou escolas de música. É uma competência mais humana do que especificamente musical. O músico atuante em hospitais deve ser alguém que se propõe a fazer um caminho de auto desenvolvimento e disposto a colocar sua música à serviço do outro. Ao atuar ele deve, sem abrir mão de sua interpretação pessoal (que garante a autenticidade de sua ação), escutar profundamente o que é necessário e dentro de si encontrar os meios musicais que atendam esta necessidade. Não cabe aqui o conceito de artista que busca apenas sua auto expressão, mas do artista no mais elevado sentido do termo que é capaz de revelar de forma sensível o que vive subjacente às aparências de cada encontro com o paciente e a comunidade hospitalar. Ele deve buscar por meio da música o contato com o íntimo dos seres trazendo à vida o que eles tem de melhor.

Forma-se assim um sistema que por meio da música integra a todos e ajuda cada um estabelecer contato com o outro e consigo mesmo. *Contato* é sem dúvida um termo apropriado, pois a música tem esta propriedade: conectar as pessoas, seja consigo mesmas seja com os outros. Pensemos em uma mãe que canta para seu filho, alguém que canta um amor perdido, soldados que marcham cantando para guerra, amigos que festejam cantando num bar, monges que entoam uma oração... Como é possível que atividades tão díspares como estas sejam expressas pela mesma atividade (a música)? O que elas têm em comum? Aqui mais uma vez encontramos em Victor Zuckerkandl uma resposta à estas perguntas: há um elemento comum a todas estas diversas expressões, que é a necessidade de auto abandono; todavia isto não é um dar as costas ao ser, não é uma negação, mas um alargamento, uma intensificação do ser, uma quebra das barreiras que separam o ser das coisas, o sujeito do objeto, o agente da ação, contemplador daquilo que é contemplado: é uma transcendência da separação, sua transformação em uma unidade. A mãe se torna uma com sua criança, o amante reencontra sua amada, soldados se fortalecem na coletividade, amigos intensificam e fundem sua alegria, monges comungam com o ser transcendente de sua veneração.

Nas situações cotidianas “não musicais”, nossa atenção é dirigida aos objetos exteriores estabelecendo uma cisão entre eu e o objeto, necessária às operações práticas. Este é o caso do caçador diante de sua caça, do cientista diante de seu objeto de estudo, do cozinheiro diante da execução de sua receita, do comerciante diante de uma lista de pedidos e de seus produtos. Em situações assim, não é comum encontrar pessoas musicando. Cantar, ou fazer música, parece mais

natural em situações onde se busca um envolvimento de natureza emocional ou existencial com o outro ou consigo mesmo e com a própria vida.

Voltando agora à questão da música nos hospitais, fica claro que este reencontro consigo mesmo e o encontro com o outro que pode ser proporcionado pela experiência musical é de grande valor. A constatação do sentimento de união e pertencimento proporcionado pela experiência musical nos dá uma indicação de como a música pode proporcionar uma elevação do estado de ser de uma pessoa. Numa situação de restrição imposta pela condição de saúde própria ou do outro, a experiência musical adequada e conduzida de modo sensível parece ter o poder para ativar no íntimo de cada um a força de vida necessária para o contato com o outro. Contado este que se revela como reconhecimento de si próprio e do outro, sentimento de pertencimento, altruísmo, resgate da vida e do senso de humanidade.